

## ***DOM CASMURRO E SÃO BERNARDO* - uma proposta de análise de intertextualidade temática**

Raimundo Nonato SILVA

### **1 INTRODUÇÃO**

Pretende-se, neste artigo, analisar a ocorrência de intertextualidade temática nas obras literárias *Dom Casmurro*, romance realista de Machado de Assis, e *São Bernardo*, romance da segunda fase do Modernismo brasileiro de autoria de Graciliano Ramos. Para esta análise delimitou-se como tema o ciúme sentido pelos protagonistas dos referidos romances em relação a suas respectivas esposas, destacando o modo como cada um das personagens expressa esse sentimento de desconfiança com a sensação de ter sido traído.

Embora Bentinho e Paulo Honório sejam personagens de origens diferentes e tenham vivido em ambiente e contexto histórico também diferentes, encontram-se no sentimento que lhes proporciona a sensação de terem sido vítimas da traição conjugal. Assim como Bentinho, Paulo Honório também não tem certeza absoluta de que fora traído pela esposa. O ciúme faz com que eles sintam-se vítimas e sofram sem, no entanto, terem a comprovação de fato do adultério. É neste ponto de intercruzamento das narrativas, que será feita a análise de intertextualidade temática considerando o conceito desse tipo de intertextualidade, em conformidade com Koch et al (2007).

### **2 TEXTO E INTERTEXTUALIDADE**

Ao ler um determinado texto pela primeira vez, o leitor pode perceber que este texto não é totalmente novo. Há algo ali que o faz lembrar outras leituras já realizadas. Aquilo que faz parte do conhecimento do leitor presente no texto inédito contribui para a compreensão deste pelo leitor. Um texto está sempre em diálogo com

outros textos. Como diz Bakhtin (1992, p. 291) cada enunciado é um elo da cadeia muito complexa de outros enunciados.

Assim, pode-se dizer que todo e qualquer texto é construído a partir de outro texto, ou seja, o texto pode apresentar informações novas e informações que já fazem parte do conhecimento do leitor.

O texto é o espaço que se estabelece entre o autor e o leitor para a interação social. É através do texto que autor e leitor, mesmo sendo eles de épocas diferentes, interagem socialmente. Como diz Koch (2009, p.9):

[...]ações por meio das quais se constroem interativamente os objetos-do-discurso e as múltiplas propostas de sentidos, como função de escolhas operadas pelos co-enunciadores entre as inúmeras possibilidades de organização que cada língua lhes oferece[...] construto histórico e social, extremamente complexo e multifacetado.

Constitui-se como intertextualidade o diálogo existente entre os textos. Um trecho de um texto reproduzido em outro texto; a exploração de um mesmo assunto por diferentes autores; a paródia, que é a perversão do texto original visando a ironia ou a crítica; a epígrafe que se constitui numa escrita introdutória, a citação ou seja, a transcrição do texto alheio, marcado por aspas; aproximação de gênero e a tradução de textos de línguas estrangeiras por se tratar da criação de um novo texto.

Koch (2007, p.17) ao tratar de intertextualidade *stricto sensu*<sup>1</sup> diz que esta ocorre quando, em um texto, está inserido outro texto (intertexto) anteriormente produzido, que faz parte da memória discursiva dos interlocutores. De acordo com as características de cada tipo de intertextualidade, Koch (2007) nomeia esses tipos em intertextualidade temática, intertextualidade estilística, intertextualidade explícita, intertextualidade implícita, autotextualidade, intertextualidade com outros enunciadores, inclusive enunciador genérico, intertextualidade das semelhanças e das diferenças.

Sobre a intertextualidade temática, assim se refere Koch (2007:18):

A intertextualidade temática é encontrada, por exemplo, em textos científicos pertencentes a uma mesma área do saber ou a uma mesma

---

<sup>1</sup> Ver Koch, Bentes & Cavalcante, 2007.

corrente de pensamento, que partilham temas e se servem de conceitos e terminologia próprios, já definidos no interior dessa área ou corrente teórica ; entre matérias de jornais e da mídia em geral, em um mesmo dia, ou durante um certo período em que dado assunto é considerado focal; entre as diversas matérias de um mesmo jornal que tratam desse assunto; entre as revistas semanais e as matérias jornalísticas da semana; entre textos literários de uma mesma escola ou de um mesmo gênero, como acontece, por exemplo, nas epopéias, ou mesmo entre textos literários de gêneros e estilos diferentes...; entre diversos contos de fada tradicionais e lenda que fazem parte do folclore de várias culturas...; histórias em quadrinhos de um mesmo autor; diversas canções de um mesmo compositor ou de compositores diferentes; um livro e o filme ou novela que o encenam; várias encenações de uma mesma peças de teatro, as novas versões de um filme...

Na literatura, pode ser citado como exemplo de intertextualidade temática o adultério em *Memórias Póstumas de Brás Cubas* e em *A Cartomante*, obras de Machado de Assis; a seca em obras como *O Quinze*, de Rachel de Queiroz e *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos; o erotismo em *A Missa do Galo*, de Machado de Assis e *O Cortiço*, de Aluísio Azevedo; a homossexualidade também em *O Cortiço*, de Aluísio Azevedo, *A confissão de Lúcio*, de Mário de Sá-Carneiro e em **O Ateneu**, de Raul Pompéia.

Escolheu-se para produzir este artigo a intertextualidade temática para análise das obras literárias *Dom Casmurro*, romance realista de Machado de Assis, e *São Bernardo*, romance de Graciliano Ramos filiado à Escola Moderna Brasileira em segunda fase, conhecida também como romance de 30.

### **3 SOBRE O OBJETO DE ESTUDO**

O foco desta análise é a intertextualidade temática e está centrado nas personagens principais das respectivas obras literárias qual sejam Bentinho em *Dom Casmurro* e Paulo Honório em *São Bernardo*, procurando demonstrar o que há em comum com essas personagens tão diferentes em sua construção, mas parecidas em suas angústias, dúvidas e incertezas em relação aos seus respectivos casamentos, e, principalmente no que se refere ao ciúme, sentimento que envolve e de certa forma destrói essas personagens e suas famílias.

O dicionário Aurélio (1988) conceitua o ciúme como sentimento doloroso que as exigências de um amor inquieto, desejo de posse da pessoa amada, a suspeita ou a certeza de sua infidelidade fazem nascer em alguém. E traição como ato ou efeito de trair; crime de quem, perfidamente entrega, denuncia ou vende alguém ou alguma coisa ao inimigo; perfídia, deslealdade, aleivosia; infidelidade no amor.

As obras em estudo estão assim identificadas: *Dom Casmurro* é composto de 148 capítulos, numa edição da Biblioteca Zero Hora sob a coordenação editorial da Klick Editora SP, sem identificação do ano de publicação. *São Bernardo*, o texto em análise é uma publicação da Editora Record de 2007, em 85ª edição. Consta de 36 capítulos.

No romance machadiano, o narrador-personagem Bentinho, apelidado de Dom Casmurro por um rapaz de seu bairro, tem como fim atar as duas pontas de sua vida e restaurar na velhice sua adolescência. Casmurro, segundo o narrador, está relacionado aos seus reclusos e calados hábitos. É Bentinho quem narra a sua própria história. O seu envolvimento com a vizinha Capitu. O seu projeto de vida traçado pela mãe para tornar-se padre. A luta para convencer dona Glória a liberá-lo da promessa, para enfim casar-se com Capitu, após formar-se em Direito. No Seminário Bento Santiago, Bentinho faz amizade com Escobar, que também abandona o seminário e casa-se com Sancha, amiga de Capitu.

Nasce Ezequiel, filho do casal Santiago. O amigo íntimo Escobar morre afogado. No velório de Escobar, Bentinho percebeu que sua esposa Capitu não chorava, mas demonstrava um sentimento fortíssimo pelo defunto. O olhar dela para o cadáver era tão apaixonado quanto o da viúva. São essas duas pontas que Bento Santiago decide atar: os olhos de ressaca, oblíquos e dissimulados de Capitu percebidos por ele, no momento do primeiro beijo na amada, e esses mesmos olhos agora direcionados para o defunto Escobar que dá início ao drama da desconfiança e de ter sido traído pela esposa.

A partir do capítulo 112, Bentinho começa a narrar a sua desconfiança de adultério da esposa que culminaria com a separação do casal no capítulo 141. É importante lembrar que o comportamento de Capitu tratada nestes capítulos como uma mulher adúltera que é retratada única e exclusivamente por Bentinho. Tem-se apenas a versão do narrador-personagem nas acusações visto que nenhuma outra personagem

compartilha desta visão na narrativa e a própria Capitu não confirma essa traição conjugal.

Como diz Bosi (1994, p.181):

“Ainda que Capitu não houvesse cometido adultério ( e o romance não dá nenhuma prova decisiva), tudo nela era possibilidade do engano, desde os olhos de ressaca oblíquos e dissimulados, que se deixavam estar nos momentos de raiva ‘Com as pupilas vagas e surdas’, até às mesmas idéias que já em menina se faziam ‘hábeis, sinuosas, surdas e alcançavam o fim proposto, não de salto, mas aos saltinhos” (BOSI, 1994, p.181).

Assim como Machado de Assis não apresenta uma prova decisiva sobre o adultério de Capitu, deixando as desconfianças por conta de Bentinho, Graciliano Ramos também deixa as suspeitas sobre a traição de Madalena por conta de Paulo Honório.

Paulo Honório, assim como Bentinho em *Dom Casmurro*, é o narrador-personagem do romance *São Bernardo*. Nesta obra, Paulo propõe-se a contar sua dura vida da infância como guia de cego a proprietário da Fazenda São Bernardo, onde antes fora trabalhador de enxada. Já fazendeiro, casa-se com Madalena, professora de boa índole e compassiva com tendências socialistas que passa a interceder, junto ao marido, pelos trabalhadores da fazenda. Essa posição assumida por Madalena, gera desentendimentos no lar. Com o passar do tempo as discussões se intensificam e nem mesmo a gravidez de Madalena ameniza a situação. Angustiada com as acusações do marido que se encontra tomado por um ciúme doentio, tornando-se brutalmente agressivo, Madalena não suporta o sofrimento e suicida-se. Sobre o romance *São Bernardo*, assim se refere Bosi (1994 p. 403)

Paulo Honório cresceu e afirmou-se no clima da posse, mas a sua união com a professorinha idealista da cidade vem a ser o único e decisivo malogro daquela posição de propriedade estendida a um ser humano. Tragédia do ciúme, no plano afetivo, e, ao mesmo tempo romance do desencontro fatal entre o universo do ter e o universo do ser, *São Bernardo* ficará, na economia extrema de seus meios expressivos, como paradigma de romance psicológico e social da nossa literatura (BOSI, 1994, p. 403).

A partir do capítulo 24 de *São Bernardo*, Paulo Honório narra como começou a sentir ciúmes de sua esposa prolongando-se até o capítulo 31, no qual é narrado o suicídio de Madalena. No capítulo 32, Paulo diz que a lembrança de Madalena sempre estava nele.

De acordo com o que foi mencionado, percebe-se que as obras literárias em estudo são narradas em primeira pessoa por um narrador-personagem e que todos os fatos narrados, inclusive as características de cada personagem da história são passados ao leitor pelo filtro ocular desse narrador.

#### **4 AS OBRAS LITERÁRIAS E A INTERTEXTUALIDADE TEMÁTICA: OS CIÚMES DE BENTINHO E PAULO HONÓRIO**

Nesta análise procurou-se identificar um tema comum entre as duas obras para o estudo da intertextualidade temática. Embora haja outros temas que integram essas obras optou-se aqui pelo tema ciúme.

Em face da delimitação do tema ciúme para o estudo da intertextualidade temática, a análise das obras literárias será feita a partir do capítulo 107, em *Dom Casmurro* que tem um total de 148 capítulos e do capítulo 24 em *São Bernardo*, que tem ao todo 36 capítulos. A partir dos capítulos 107 em *Dom Casmurro* e 24 em *São Bernardo*, é apresentado o sentimento comum aos protagonistas Bentinho e Paulo Honório, o ciúme, o qual surge de pequenas observações dessas personagens em relação às suas respectivas esposas e vai tomando proporções a ponto de tornar-se incontrolável, doentio e proporcionar perdas irreparáveis na vida dos protagonistas.

Bentinho soube das economias de Capitu e que ela em segredo contou com a ajuda de Escobar como corretor para conseguir um montante de dez libras esterlinas, isto o fez sentir ciúmes. Porém, como ele mesmo diz (cap. 107 p. 192): os meus ciúmes eram intensos, mas curtos; com pouco derrubaria tudo, mas com o mesmo pouco ou menos reconstruiria o céu, a terra e as estrelas. O ciúme foi passageiro, as explicações de Capitu e Escobar (cap. 106) deixaram Bentinho tranqüilo e mais íntimo de Capitu e do amigo Escobar.

Numa conversa sobre o comportamento de Ezequiel, filho do casal, as travessuras e imitações que ele fazia, Capitu disse ao esposo (cap. 112 p. 201) “já lhe achei até um jeito dos pés de Escobar e dos olhos...” Essas palavras da esposa fizeram Bentinho observar melhor os traços de Ezequiel, mas no momento não despertou ciúmes, o que viria a acontecer mais tarde de forma intensa e duradoura.

Após esse acontecimento, Bentinho continua afetuoso com a esposa, mas, com o passar do tempo, algo diferente vai tomando conta de si e ele confessa:

Cheguei a ter ciúmes de tudo e de todos. Um vizinho, um par de valsa, qualquer homem, moço ou maduro, me enchia de terror ou desconfiança. É certo que gostava de ser vista, e o meio mais próprio a tal fim (disse-me uma senhora, um dia) é ver também, e não há ver sem mostrar que se vê... Naquele tempo, por mais mulheres bonitas que tinha nenhuma receberia a mínima parte do amor que tinha a Capitu. Capitu era tudo e mais que tudo e mais que tudo; não vivia nem trabalhava que não fosse pensando nela (cap. 113 p.202).

Chegada a hora da encomendação do corpo e da partida do defunto Escobar para o enterro, Bentinho percebeu a forma como Capitu fez a sua despedida e assim descreve a cena:

Capitu olhou alguns instantes para o cadáver. Tão fixa, tão apaixonadamente fixa, que não admira lhe saltassem algumas lágrimas poucas e caladas... Momento houve em que os olhos de Capitu fitaram o defunto, quais os da viúva, sem o pranto nem palavras desta, mas grandes e abertos, como a vaga do mar lá fora, como se quisesse tragar também o nadador da manhã ( cap. 123 p. 217).

Em *São Bernardo*, Paulo Honório percebe as conversas de Madalena com o seu empregado Padilha e não aceita que sua esposa dê ordens a seu empregado. Padilha justificando-se por ter conversado com a esposa do patrão diz: “quanto às conversas, seu Paulo compreende. Uma senhora instruída meter-se nestas bibocas! Precisa uma pessoa com quem possa entender de vez em quando palestras amenas e variadas.” (cap.24 p.148). Às explicações do empregado Paulo Honório não deu importância e até riu, porém a expressão – palestras amenas – o fez refletir posteriormente.

Mais tarde, no escritório, uma idéia indeterminada saltou-me na cabeça, estive lá um instante quebrando louça e deu o fora. Quando tentei agarrá-la, ia longe. Interrompi a leitura da carta que tinha diante de mim, sem saber por quê, olhei Madalena desconfiado... Nisto a idéia voltou. Movia-se com tanta rapidez que não me foi possível distingui-la. Estremeci, e pareceu-me que a cara de Madalena estava mudada.

Paulo Honório não consegue identificar a idéia indeterminada que lhe vem à cabeça, porém a desconfiança cai sobre Madalena. As discussões já vinham ocorrendo por conta do idealismo da esposa, mas ciúme ainda não lhe aparecera. Depois a cena vista por ele desperta-lhe um sentimento que não sentira antes. A cena é assim descrita:

Procurei Madalena e avistei-a derretendo-se e sorrindo para o Nogueira, num vão de janela. Confio em mim. Mas exagerei os olhos bonitos do Nogueira, a roupa bem feita, a voz insinuante. Pensei nos meus oitenta e nove quilos, neste rosto vermelho de sobrelhas espessas. Cruzei descontente as mãos enormes e cabeludas, endurecidas em muitos anos de lavoura. Misturei tudo ao materialismo e ao comunismo de Madalena e comecei a sentir ciúmes (cap.24 p.155).

Pode-se perceber que os sinais iniciais que poderiam despertar ciúmes em Bentinho e Paulo Honório passam despercebidos por ambos. Tanto um como o outro relevam e até riem da situação. Após esse primeiro momento, o ciúme parece surgir de uma reflexão, como algo que vem do interior das personagens para explodir e fazê-las passar por transformações. Bentinho sente ciúme de tudo e de todos. A confiança em Capitu dá lugar à desconfiança causando-lhe terror. Lembra-se de que a esposa gosta de ser vista, de exhibir-se e o ciúme cresce. Paulo Honório sente algo diferente, não consegue entender o que era aquilo. Olha para Madalena e acha-a diferente, de rosto mudado. Ele não confessa seu amor por ela a ponto de pensar nela a todo instante, mas busca com os olhos, procurando-a por toda parte a fim de mantê-la sob seu domínio. Isto significa que ele também desconfia da esposa. Avistando Madalena conversando com Nogueira, Paulo Honório começa a sentir ciúme. Ao comparar as características de Nogueira às suas, sente-se inferiorizado. O seu olhar ciumento vê Madalena oferecendo-



se para Nogueira. Enquanto Bentinho vê no olhar de Capitu para o cadáver de Escobar um desejo, uma paixão.

O casal de *Dom Casmurro* volta a conversar sobre o filho Ezequiel e Capitu novamente chama a atenção de Bentinho para os olhos do menino “Você já reparou que Ezequiel tem nos olhos uma expressão esquisita? perguntou-me Capitu. Só vi duas pessoas assim, um amigo de papai e o defunto Escobar”(cap. 131 p.225). Este alerta de Capitu dá possibilidade a Bentinho concentrar o seu ciúme no defunto Escobar. Para observar melhor o que lhe dizia a esposa, o narrador assim relata: “aproximei-me de Ezequiel, achei que Capitu tinha razão; eram os olhos de Escobar” (cap. 131 p. 226).

A imagem de Escobar se fizera presente diante dos olhos de Bentinho, manifestada na figura de Ezequiel. Era tão torturante e desesperadora que transformava o protagonista. Antes um pai amável e um esposo apaixonado passa a ter pensamentos monstruosos de vingança da esposa e do filho. Assim revela as suas intenções:

Escobar vinha assim surgindo da sepultura, do seminário e do Flamengo para se sentar comigo à mesa, recebendo-me na escada, beijar-me no gabinete de manhã ou pedir-me à noite a bênção do costume. Todas essas ações eram repulsivas; eu tolerava-as e praticava-as, para me não descobrir a mim mesmo e ao mundo... Quando nem mãe nem filho estavam comigo o meu desespero era grande, e eu jurava matá-los a ambos ora de golpe, ora devagar, para dividir pelo tempo da morte todos os minutos da vida embaçada e agoniada (cap. 132 p. 227).

Bentinho vê em Ezequiel o retrato de Escobar. Dominado pelo ciúme focado agora no defunto, pensa em vingar-se da esposa e do filho matando-os de forma cruel para que esta vingança satisfaça ao seu ego. Ao contrário de Bentinho que inicialmente sente ciúmes de todos e depois concentra todo o seu ciúme em Escobar, Paulo Honório no início desconfia apenas de Padilha, depois inclui o Nogueira, o Dr. Magalhães, os caboclos da fazenda e até o padre, como amantes de Madalena. E pensa também na vingança, como está relatado neste trecho:

O meu primeiro desejo foi agarrar o Padilha pelas orelhas e deitá-lo fora a pontapés, mas conservei-o para vingar-me. Prendi-o na escola. Estive quatro meses sem lhe pagar ordenado. (...) Não gosto de mulheres sabidas, chamam-se intelectuais. Madalena não era uma intelectual, mas descuidava-se da religião, lia telegramas estrangeiros. E eu me retraía, murchava. Requebrando-se para o Nogueira, ao pé da

janela sorrindo! Sorrindo exatamente como as outras, as que fazem conferências (cap. 25 p.158).

Quando o ciúme toma conta do ser humano, o desejo de vingança flui e o alvo dessa vingança são os infiéis. Bentinho não podendo vingar-se do amigo defunto, estende o seu plano cruel ao pequeno Ezequiel. Segundo ele, o garoto era o fruto da relação adúltera entre Capitu e Escobar.

Por não ter uma prova suficiente que lhe desse certeza de que fora traído por Madalena, a desconfiança de Paulo Honório baseava-se apenas nas conversas que observava da esposa com a Padilha ou com o Nogueira, direciona a sua vingança ao empregado, não permitindo que ele saísse da escola e não lhe pagando o salário. Em relação à esposa, Paulo diz: “O meu desejo era pegar Madalena e dar-lhe pancada até no céu da boca.” A reação de Paulo vai além. O seu desejo de vingança atinge, assim como o de Bentinho, o requinte de crueldade. Bentinho pensa em matar a esposa e o filho, ora de golpe, ora devagar. Paulo diz que se soubesse que ela o traía, matava-a, abria-lhe a veia do pescoço devagar, para o sangue correr o dia inteiro.

Nas duas residências, a convivência era conflituosa e tumultuada. Os esposos ciumentos humilhavam e maltratavam suas esposas. Os temporais entre Bentinho e Capitu assemelham-se àqueles vividos por Paulo Honório e Madalena na fazenda São Bernardo, assim relatado pelos narradores-personagens:

O que se passava entre mim e Capitu , naqueles dias sombrios, não se notará aqui, por ser tão miúdo e repetido, e já tão tarde que não se poderá dizê-lo sem falha nem canseira. E o principal é que nossos temporais eram agora contínuos e terríveis (cap. 132 p.227/228).

Na fazenda São Bernardo, Paulo Honório assim relata:

Atormentava-me a idéia de surpreendê-la. Comecei a mexer-lhe nas malas, nos livros e abrir-lhe a correspondência. Madalena chorou, gritou, teve um ataque de nervos... minha vida se tornou um inferno. A noite não consegui dormir. Passei horas sentado, odiando Madalena, que se enroscava num canto da cama, as pernas encolhidas apertando o estômago (cap. 26 p 164).

A busca incessante de uma prova que lhe desse certeza de ser traído pela esposa faz Paulo Honório ter ciúmes de todos que passam pela fazenda ou que nela moram. Referindo-se a um amigo diz: “um dia de passagem pela fazenda o dr. Magalhães almoçou comigo. Espreitei-o, notei que as amabilidades dele para Madalena foram excessivas (cap 26 p 164). No seu ciúme excessivo, Paulo também desconfia de padre Silvestre e chega ao ponto de dizer: “notei que Madalena namorava os caboclos da lavoura. Os caboclos sim, senhor. – “Mulher não vai com carrapato, porque não sabe qual é o macho.” (cap. 29 p. 178). Assim como Bentinho, Paulo Honório chega a ter ciúme de todos e de tudo. Bentinho, segundo a interpelação de Capitu, já impaciente com o ciúme do marido, que tinha ciúme até dos mortos, referindo-se ao defunto Escobar, que aliás, passara a ser para Bentinho o único suspeito da traição, cuja prova eram as semelhanças entre ele e o pequeno Ezequiel. Paulo Honório tinha ciúme até do padre, segundo ele, cavalo amarrado também come. (cap. 29 p. 178)

O ciúme vai enlouquecendo os personagens. Bentinho vê Escobar retratado no corpo, na fala e nas ações de Ezequiel. Para Paulo Honório tudo o que acontecia ao redor da fazenda, era um sinal: “a noite parecia-me ouvir passos no jardim: Erguia-me, pegava o rifle, soprava a luz, abria a janela: Quem está aí? (cap. 30 p.179). Sem obter resposta, o ciumento atirava e fazia Madalena acordar assustada e perguntava: “Que foi? – São os teus parceiros que andam rondando a casa. (cap. 30 p. 179/80). Um assobio, alta noite, provavelmente de uma ave noturna, para ele era um sinal convencionado. – É um assobio ou não é? Marcou entrevista aqui no quarto, em cima de mim? Quer que eu saia? Madalena chorava como uma fonte. (cap. 30 p.180).

Bentinho dominado pelo ciúme e com a mente escurecida de ódio e desejo de vingança planeja a sua própria morte:

Sei que escrevi algumas cartas, comprei uma substância, que não digo, para não espetar o desejo de prová-la (...) Quando me achei com a morte no bolso senti tamanha alegria, como se acabasse de tirar a sorte grande, ou ainda maior, porque o prêmio da loteria gasta-se, e a morte não se gasta (cap. 134 p. 231).

Bentinho escreve algumas cartas, provavelmente cartas de despedida, uma vez que se dispõe a resolver o problema do ciúme com a própria vida.

Em *São Bernardo*, Paulo Honório na busca de provas que incriminassem Madalena, encontrou uma folha de papel que, provavelmente o vento levava da mesa da

esposa. “Aquilo era trecho de uma carta, e de carta a homem. Não estava lá o nome do destinatário, faltava o princípio, mas era carta a homem, sem dúvida” (cap. 31 p.185). Lendo com certa dificuldade o texto e reconhecendo ser a letra de Madalena, Paulo imagina ter encontrado a prova tão esperada.

Decidido a colocar o seu plano em prática o protagonista Bentinho retorna à casa: “Cheguei a casa, abri a porta devagarzinho, subi pé ante pé, e meti-me no gabinete; iam dar seis horas. Tirei o veneno do bolso, fiquei em mangas de camisa, e escrevi ainda uma outra carta, a Capitu (cap. 135 p. 232). Tudo pronto para o suicídio, Bentinho relata o plano de como iria dar fim a sua própria vida para vingar-se da esposa e do filho, este, segundo suas conclusões, o fruto da traição:

O meu plano foi esperar o café, dissolver nele a droga e ingerí-la. O copeiro trouxe o café. Ergui-me e guardei o livro e fui para a mesa onde ficara a xícara. Já a casa estava em rumores; era tempo de acabar comigo. A mão tremia-me ao abrir o papel em que trazia a droga embrulhada. Acabamos com isto, pensei.

Quando ia beber, cogitei se não seria melhor esperar que Capitu e o filho saíssem para a missa; beberia depois; era melhor. Assim disposto, entrei a passear no gabinete. Ouvi a voz de Ezequiel no corredor, vi-o entrar e correr a mim bradando: -Papai! Papai! Ezequiel abraçou-me os joelhos, esticou-se nas pontas dos pés, como querendo subir e dar-me um beijo de costume; e repetira, puxando-me: -Papai! (cap. 136 p. 233/234).

Antes de colocar seu plano em prática Bentinho escreve uma última carta endereçada a Capitu, carta essa que não é vista pela destinatária. Em São Bernardo, Paulo encontra parte de uma carta, a última escrita por Madalena, sem destinatário, mas o marido ciumento conclui que tal carta é destinada a um homem. “As suspeitas voaram para cima do João Nogueira, do dr. Magalhães, de Azevedo Gondim, do Silvestre da Escola Normal. (cap. 31 p. 186).

O ciúme doentio obscurece a razão e destrói a mente do enciumado. Leva-o, por sede de vingança, a autodestruir-se ou acabar com a pessoa à qual se tornara o motivo desse sentimento destruidor. Bentinho ao ver o filho que carinhosamente o abraça, tem outro impulso: atentar contra a vida de Ezequiel, forçando a criança a tomar o veneno que comprara para si. É o próprio personagem que diz:

Cheguei a pegar na xícara, mas o pequeno beijava-me a mão, como de costume, e a vista dele, como o gesto, deu-me outro impulso que me custa dizer aqui; mas vá lá, diga-se tudo. Chamem-me embora

assassino; não serei eu que o desdiga ou contradiga; o meu segundo impulso foi criminoso. Inclinei-me e perguntei a Ezequiel se já tomara café – Já papai, vou à missa com mamãe. – Toma outra xícara, meia xícara só. – E papai? – Eu mando vir mais; anda, bebe! Ezequiel abriu a boca. Cheguei-lhe a xícara, tão trêmulo que quase a entornarei, mas disposto a fazê-la cair pela goela abaixo. Mas não sei que senti, que me fez recuar. Pus a xícara em cima da mesa, e dei por mim a beijar doidamente a cabeça do menino.

- Papai! Papai! Exclamava Ezequiel.

- Não, não, eu não sou teu pai! (cap. 137 p. 234/235).

Capitu entrou no gabinete e sem entender o que estava acontecendo pede para o menino se retirar e diz a Bentinho:

- Não entendo as tuas lágrimas, nem as de Ezequiel. Que houve entre vocês?

- Não ouviu o que eu lhe disse?

- O quê? Perguntou ela como se ouvira mal.

- Que não é meu filho.

- Não, Bentinho, ou conte o resto, para que eu me defenda, se você acha que eu tenho defesa, ou peço-lhe desde já a nossa separação; não posso mais.

- A separação é coisa decidida, redargui pegando-lhe na resposta.

Não disse tudo. Mal pude aludir aos amores de Escobar sem proferir-lhe o nome. Capitu não pôde deixar de rir; depois em tom juntamente irônico e melancólico:

- Pois até os defuntos! Nem os mortos escapam aos seus ciúmes. (cap. 138 p.236/237).

O encontro de Capitu e Bentinho no escritório é marcado por discussões e revelações. Bentinho revela a Capitu o motivo dos seus ciúmes dizendo que Ezequiel não é filho dele. Capitu exige que tudo seja esclarecido e se suas explicações não se justificassem, a saída para o caso seria a separação, o que é aceito por Bentinho. A conversa entre ambos foi interrompida porque Capitu ia à igreja com Ezequiel, porém a continuação da conversa para o entendimento sobre a separação seria após o retorno dela da missa.

Em *São Bernardo* aparece também o elemento igreja. Não que Madalena gostasse de rezar, mas o encontro do casal para uma conversa decisiva dá-se na igreja. Bentinho mostra a Capitu o motivo do seu ciúme dizendo que Ezequiel não é seu filho, enquanto Paulo Honório procura Madalena para mostrar a carta, segundo ele, a prova do seu ciúme. Assim diz o narrador-personagem:

Voltei furioso, decidido a acabar depressa com aquela infelicidade. Zumbiam-me os ouvidos, dançavam-me listras vermelhas diante dos olhos. Já tão cego que bati com as ventas em Madalena que saía da igreja. Meia-volta, gritei, segurando-lhe um braço. Temos negócio. A senhora escreveu uma carta. – Para quem? Eu preciso saber, compreende? Apresentei-lhe uma folha já amarrotada e suja. Madalena estendeu-a sobre a mesa, examinou-a e entregou-me.

- O resto está no escritório, na minha banca.

- A quem?

- Você verá. Está em cima da banca. Não é caso para barulho. (cap. 31 p. 186).

Para Bentinho, a prova de adultério de Capitu era o garoto Ezequiel com olhos, os pés e até a fala parecidos com os de Escobar. Porém esperava que a esposa confessasse tudo. Paulo Honório tem a carta como prova, mas seu desejo era que Madalena o livrasse daquelas dúvidas. Madalena pede perdão e diz: “O que estragou tudo foi o ciúme, Paulo” (cap. 31 p. 189).

A reação de Bentinho ao tentar, com as mãos trêmulas, fazer Ezequiel beber o café que continha veneno, pode ser comparada à reação de Paulo Honório quando encontra a esposa na igreja, que diz: “ Afirmei a mim mesmo que matá-la era ação justa. Para que deixar viva uma mulher tão cheia de culpa? Quando ela morresse, eu lhe perdoaria os defeitos. As minhas mãos contraíam-se, moviam-se para ela” (cap. 31 p. 188).

Os esposos enciumados estão à espera de confissão de culpa de suas respectivas esposas. Porém, estas não se dispõem a esclarecer os fatos, limitou-se a gestos no caso de Capitu, ou na indicação do local onde se encontra o restante da prova – a carta, no caso de Madalena.

Neste trecho de *Dom Casmurro*, Bentinho tenta captar os gestos de Capitu e conclui no seu julgamento pessoal que ela é culpada.

Capitu e eu, involuntariamente, olhamos para a fotografia de Escobar, e depois um para o outro. Desta vez a confusão dela fez-se confissão pura. De boca, porém não confessou nada; repetiu as últimas palavras, puxou do filho e saíram para a missa (cap. 139 p.238).

Paulo agora sabe onde está a prova, porém não vai buscá-la, fica a meditar as palavras de Madalena que lhe pedia perdão, falava de morte... E nas suas

reflexões, vinha a lembrança da carta. “Para quem seria? Lá vinha novamente o ciúme. Aquilo ainda causaria infelicidades sem remédios... Três anos de casado. Fazia exatamente um ano que tinha começado o diabo do ciúme (cap. 31 o. 192/193).

A conversa sobre a separação parou, mas a idéia continuou em ambos. Bentinho não voltou a pensar no suicídio por envenenamento e aguardava o retorno de Capitu que, segundo ele, desta vez demorou mais que os outros, talvez pela sua própria impaciência e angústia por esperar. Ao retornar da igreja Capitu diz ao esposo: - Confiei a Deus todas as minhas amarguras; ouvi dentro de mim que a nossa separação é indispensável, estou às suas ordens (cap. 140 p. 239). A separação se concretizou. Bentinho vai com a esposa e o filho para a Europa, deixa-os na Suíça e retorna ao Brasil, para não mais procurá-los. Respondia às cartas de Capitu com brevidade e sequidão. Posteriormente, ficou sabendo da morte de Capitu e também da morte de Ezequiel. No último capítulo faz a si mesmo seguinte indagação: Por que é que nenhuma dessas caprichosas me fez esquecer a primeira amada do meu coração?

Bentinho desiste do suicídio e escolhe a separação como a solução do problema. O ciúme destrói a família e o próprio marido ciumento.

Paulo dormiu na Igreja, cedo levantou-se e foi ao curral, e em seguida ao riacho. Ao retornar para casa, ouviu gritos:

Entrei apressado, atravessei o corredor do lado direito e no meu quarto dei com algumas pessoas saltando exclamações. Arredei-as e estanquei: Madalena estava estirada na cama, branca, de olhos vidrados, espuma nos cantos da boca. Aproximei-me, tomei-lhe as mãos duras e frias, toquei-lhe o coração, parado. Parado. Sobre a banca de Madalena estava o envelope que ela havia falado. Abri-o. Era uma carta extensa em que se despedia de mim (cap. 31 p. 194/195).

O ciúme destrói também a família de Paulo Honório. Madalena não suporta as acusações do marido e suicida-se. Bentinho Santiago e Paulo Honório, dois personagens diferentes com um sentimento em comum – o ciúme.

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Pretendeu-se destacar a intertextualidade temática como o objetivo deste trabalho, analisando o tema ciúme abordado nos romances: *Dom Casmurro*, de Machado de Assis e *São Bernardo*, de Graciliano Ramos. Em *Dom Casmurro* o ciúme de Bento Santiago, o Bentinho, leva-o a separar-se da esposa Capitu, por quem era apaixonado desde a infância. Capitu, após a separação morre e Bentinho viúvo vive na solidão. É o próprio Bentinho que questiona: “Por que é que nenhuma dessas caprichosas me fez esquecer a primeira amada do meu coração?” e ele mesmo responde: “Talvez porque nenhuma tinha os olhos de ressaca, nem os de cigana oblíqua e dissimulada.”

Em *São Bernardo*, Paulo Honório viúvo, também por causa do seu ciúme doentio, vive na solidão, como ele próprio diz: “Madalena entrou aqui cheia de bons sentimentos e bons propósitos. Os sentimentos e os propósitos esbarraram com a minha brutalidade e o meu egoísmo. Estraguei a minha vida estupidamente.”

Diante do exposto, pode-se perceber que as obras em estudo foram escritas em épocas diferentes, porém ambas são realistas e estão marcadamente intertextualizadas por um mesmo tema, o ciúme, abordado em *Dom Casmurro*, por Machado de Assis e retomado em *São Bernardo*, por Graciliano Ramos, constituindo, dessa forma, uma intertextualidade temática entre essas obras.

## **REFERÊNCIAS**

- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. São Paulo: Cultrix, 1994.
- CEREJA, William Roberto. **Literatura Brasileira**. São Paulo: Atual, 1995.
- KOCH, Ingedore G. Villaça; BENTES, Anna Christina; CAVALCANTE, Mônica Magalhães **Intertextualidade: diálogos possíveis**. São Paulo: Cortez, 2007.
- MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria. **Dom Casmurro**. Biblioteca Zero Hora, Klick editora.
- RAMOS, Graciliano. **São Bernardo**. 85ª edição. Rio de Janeiro: Record, 2007.